

24/4/329

200-4

Teatro S. João

Empresa *ERCOLI CASALI*

5.^a EPOCA—1924

A opera em 4 actos e 8 quadros
de VERDI

TROVADOR

DISTRIBUIÇÃO

Leonor	<i>Maria Llacer</i>
Assucena	<i>Bianca Serena</i>
Ignéz	<i>Natalia Niccolini</i>
Manrique	<i>John Sullivan</i>
Conde de Luna	<i>Carmelo Maugeri</i>
Fernando	<i>Enrico Contini</i>
Ruiz	<i>Antonio Prati</i>
Um Zingaro	<i>Giulio Zagni</i>

CORO GERAL

Maestro director: FERNANDES FÃO

Maestro dos coros: ACHILLE CLIVIO

Director de scena: EUGENIO SALARICH

TROVADOR

ARGUMENTO

PRIMEIRO ACTO

Vestibulo no palacio de Aliaferia

Os familiares do conde de Luna esperam por este, pois o conde anda desconfiado de que seja seu rival um trovador que ouvira cantar, por mais d'uma vez, no jardim do palacio.

Emquanto esperam, Fernando conta-lhes a historia seguinte, do irmão do conde.

Junto do berço velava sempre uma ama, que um dia, ao despertar, ficou surprehendida por ver ao lado do menino uma velha cigana. O menino, desde esse dia, nunca mais teve saude. A feiticeira foi presa e queimada viva; porem tinha uma filha, a quem incumbiu a sua vingança. Esta conseguiu roubar o menino, e no dia seguinte apparecia no logar onde a velha brucha fôra queimada, o cadaver ainda fumegante d'uma creança. Tão grande desgraça levou á sepultura o conde de Luna, pae, que, apesar de ver o cadaver, sempre ficou duvidando se seria ou não o de seu filho, e na hora extrema pediu ao filho mais velho, o conde, que não cessasse de procurar o irmão.

Proseguindo, diz que por maiores diligencias empregadas não fôra possível agarrar a cigana, e que entre o povo ha a superstição de que ella apparece, sob a forma de ave nocturna, quando dá meia noute.

Ouve-se dar meia noute e todos saem precipitadamente.

Jardim do Palacio

Leonor passeia pelo jardim, e Ignez quer conduzi-la ao palacio, onde a rainha perguntára por ella.

Leonor conta a Ignez o modo porque se apaixonára pelo mancebo. Foi no torneio, onde elle apparecera vestido de negro e lhe couberam as honras da lide, sendo ella propria quem o coroara como vencedor.

Ignez pretende dissuadi-la d'aquelle amor, mas Leonor responde-lhe que affeições taes não se esquecem, e que se não poder viver para Manrique, saberá morrer por elle.

O conde entra, pensando no motivo porque Leonor (de quem está apaixonado) passa as noites no jardim. Dirige-se á janella do seu quarto, mas pára surpreso ao ouvir a canção do trovador.

Leonor, que tem escutado o cantor, vem ao jardim encontrar-se com elle, e tomando o conde por aquelle que ama, queixa-se de elle ter tardado tanto n'aquella noite.

Manrique entrando no jardim, ouve Leonor falar com outro, chama-lhe prejura. Esta reconhece o engano, cae-lhe aos pés e pede-lhe perdão.

O conde, enraivecido, desafia Manrique. Leonor tenta separal-os; elles saem para bater-se e Leonor cae desmaiada.

SEGUNDO ACTO

Velha habitação n'um monte de Biscaya

Manrique, convalescente, está recostado junto de Assucena, que canta uma canção em que falla d'uma infeliz creança que fôra lançada ás chamas, e conclue pedindó ao filho que a vingue.

A canção impressiona Manrique, e pede a sua mãe lhe conte a historia, que lhe deixou entrever.

Manrique pergunta-lhe então quem é, visto não ser seu filho.

Assucena, reconhecendo a sua indiscrição, tenta convencer o manco de que é effectivamente seu filho.

Entra um mensageiro com uma carta para Manrique, em que o principe lhe ordena que assuma a defeza de Castellar, tomada pelos seus partidarios, e conta-lhe que Leonor, acreditando nos boatos da sua morte, vae tomar o veu do convento.

Claustro d'um convento

O conde, seguido dos seus, procura occasião de roubar Leonor, antes que ella tome o veu. Religiosas que se approximam, fazem com que elle se occulte.

Leonor, seguida de Inez e mais damas, vem tomar o veu, e pede que a conduzam á egreja.

O conde, que a espreita, apparece e tenta embargar-lhe o passo e leva-a comsigo, o que Manrique evita apparecendo entre elles.

Entram os soldados de Manrique, que prendem o conde, e aquelle leva comsigo Leonor.

TERCEIRO ACTO

Acampamento do campo de Luna

O conde sae da barraca e contempla Castellar, logar onde está Leonor e tambem o seu rival.

Ouve-se rumor, e entram soldados que trazem Assucena manietada, á qual o conde interroga sobre o que andava fazendo nas proximidades do acampamento.

A cigana diz-lhe que o seu destino é andar errante pelo mundo, em procura de seu filho, que a abandonára.

O conde interroga-a sobre se vive ha muito n'aquelles montes, e se se lembra d'um filho do conde de Luna, que fôra roubado havia quinze annos.

Assucena reconhece no conde o irmão da creança que roubara, e não pôde disfarçar o seu terror, que é notado por todos e tomado como prova de que foi ella a raptora. Tenta negar; porém o nome de Manrique, que lhe sae dos labios, confirma e suspeita do conde, que, cheio de contentamento, a manda lançar na fogueira.

Sala no palacio de Castellar

Na occasião em que vão para a capella entra Ruiz e annuncia a Manrique que a cigana fôra presa e que vão queimal-a viva, mostrando-lhe por uma janella a fogueira já ateadada.

Manrique, seguido dos seus soldados, corre a salvar sua mãe, enquanto Leonor fica immersa na mais profunda dôr.

QUARTO ACTO

Fachada do palacio Aliaferia

Ruiz conduz Leonor á prisão onde está Manrique, que cahira em poder do conde de Luna, quando tentava salvar sua mãe.

Leonor fica só e olha com horror para a torre, que encerra o seu amante. Vae para sair, porém á voz de Luna ordena que Manrique seja degolado e a cigana queimada.

Leonor tenta demovel-o d'aquelle intento, e, não o conseguindo, lança-se-lhe aos pés e offerece-lhe a sua mão em troca da vida de Manrique, com a condição de a deixar entrar na torre.

Uma prisão

Assucena e seu filho estão esperando a hora do supplicio.

Leonor entra, e lançando-se nos braços do mancebo, diz-lhe que está livre.

Manrique julga que ella obteve a sua liberdade em troca de alguma infamia e recusa-a.

Leonor sente-se desfallecer e confessa ao mancebo que promettera ao conde ser d'elle em troca da sua liberdade, mas que, para não cumprir a sua promessa, se havia envenenado.

O conde entra na prisão no momento em que Leonor expira nos braços de Manrique, a quem manda conduzir ao patibulo.

Assucena accorda, e não vendo o filho chama por elle tranzida de medo.

O conde mostra-lhe pela janella o cadaver de Manrique, que acaba de ser degolado, e Assucena diz-lhe que acaba de mandar matar o irmão, que havia tanto tempo procurava.

O conde de Luna fica horrorisado e inconsolavel.